



Um “transferidor” dos clássicos: a recepção do *Brutus* de Cícero pelo humanista Leon Battista Alberti

A “Transferrer” of the Classics: The Reception of Cicero’s Brutus by the Humanist Leon Battista Alberti

Michael dos Santos Sanches

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

michaelsanches@usp.br

<https://orcid.org/0009-0006-8439-6971>

Paulo Martins

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

paulomar@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2321-1033>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar dois procedimentos de investigação sobre a relação entre a retórica ciceroniana e a produção de Leon Battista Alberti na Renascença italiana do *Quattrocento*: (1) analisar a relação do humanista genovês com a obra de Cícero; e (2) apresentar três ocorrências que mostram como Alberti recebeu e incorporou o diálogo *Brutus* – texto até então pouco conhecido desde o fim da Antiguidade e por toda a Idade Média – em várias de suas obras. No primeiro procedimento, busca-se identificar o que Alberti incorporou e rejeitou da retórica ciceroniana, tanto no conteúdo quanto no estilo. Embora fosse comprovadamente um leitor assíduo de Cícero – evidência presente nos raros exemplares remanescentes de sua biblioteca particular, bem como em menções diretas e indiretas ao rétor em seus textos –, Alberti não adotava um estilo de linguagem ciceroniano. Ainda assim, evocou Cícero de outras maneiras, especialmente por meio do *Brutus*, foco do segundo procedimento investigativo. Essa segunda etapa analisa excertos de obras como *Intercænales*, *Apologhi e Profugiorum ab ærumna*, nos quais a influência do diálogo é perceptível. Ao final desses dois procedimentos, conclui-se que, embora Alberti não fosse ciceroniano em seu estilo de linguagem, incorporou e assimilou de forma orgânica o conteúdo das obras de Cícero em sua própria produção intelectual.

Palavras-chave: Leon Battista Alberti; *Brutus*; Cícero; Retórica; Renascimento.

Abstract: This article aims to carry out two investigative procedures regarding the relationship between Ciceronian rhetoric and the work of Leon Battista Alberti in



the Italian Renaissance of the *Quattrocento*: (1) to analyze the Genoese humanist's relationship with Cicero's works; and (2) to present three occurrences illustrating how Alberti received and incorporated the *Brutus* – a text that remained little known from the end of Antiquity and throughout the Middle Ages – into several of his own works. The first procedure seeks to identify what Alberti incorporated and what he rejected from Ciceronian rhetoric, both in terms of content and style. Although he was demonstrably an assiduous reader of Cicero – as evidenced by the few surviving volumes from his private library, as well as by direct and indirect references to the orator in his writings – Alberti did not adopt a Ciceronian style of language. Nevertheless, he evoked Cicero in other ways, especially through the *Brutus*, the focus of the second investigative procedure. This second stage examines excerpts from works such as *Intercaenales*, *Apologhi*, and *Profugiorum ab ærumna*, in which the influence of the dialogue is perceptible. Following these two procedures, it is concluded that, although Alberti was not Ciceronian in his style, he organically incorporated and assimilated the content of Cicero's works into his own intellectual production.

Keywords: Leon Battista Alberti; *Brutus*; Cicero; Rhetoric; Renaissance

1 Introdução

Leon Battista Alberti (1404-1472), um polímata italiano do início do século XV, o eferescente século da atividade dos humanistas, possui um *corpus* monumental de escritos que variam em gênero e estilo, mas que recebeu forte influxo do orador romano Cícero (106 AEC – 43 AEC). Neste estudo verificaremos a forma como esse influxo se deu, principalmente a partir da análise da relação entre o diálogo ciceroniano *Brutus* e as demais obras de Alberti. Primeiramente, investigaremos a ligação de Alberti com o estilo de Cícero de maneira mais abrangente. Em seguida, dedicaremos nossa atenção à obra *Brutus* que, como veremos, parece ter exercido o maior impacto na vida e na produção intelectual de Alberti. A nossa interpretação de *Brutus* e dos trechos selecionados de Alberti alinha-se principalmente aos estudos de Martin McLaughlin (2009; 2011), que escreveu dois importantes artigos sobre as conexões entre Alberti e Cícero. Também consideramos os estudos



de Anthony Grafton (1997) e Alan F. Nagel (1980),¹ os quais examinaram, respectivamente, o papel da leitura e da retórica na vida de Alberti.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, é importante registrar que esta pesquisa adotará uma abordagem voltada a interpretar Alberti a partir dos múltiplos ângulos que compuseram seu *modus operandi*. Assim, justifica-se a opção por uma leitura horizontal de trechos selecionados de várias obras do autor, em vez de nos concentrarmos em uma única peça do *corpus* albertiano para examiná-la de forma profunda e vertical. Tal escolha evita, para os fins deste artigo, a criação de uma falsa impressão de que Alberti teria uma visão unívoca em relação a Cícero. Claro que, na mesma medida, também seria impossível em tão curto espaço analisarmos, sem um critério de seleção, todas as menções ao orador romano na colossal produção de Alberti. É por isso que utilizaremos a obra *Brutus* de Cícero como principal baliza para orientar nossa interpretação. Dessa forma, priorizaremos o diálogo travado *inter opera* – isto é, entre as obras de Alberti e o *Brutus* – como aglutinador de nossas reflexões, deixando em um segundo plano trechos nos quais outras obras de Cícero também exercem alguma influência.

Feitas essas devidas considerações com relação aos critérios de ampliação do escopo das obras selecionadas de Alberti a serem consideradas aqui, faz-se necessário agora justificar o motivo que, de modo oposto e visando um trabalho comparativo, restringiu a escolha de obras que poderíamos analisar dentro do não menos vasto *corpus* ciceroniano. A razão é simples: *Brutus* foi uma das obras que proporcionou mais meios de se rastrear a influência de Cícero em Alberti. Além de identificarmos claras alusões a esse diálogo dentro das obras de Alberti, há registros materiais de que o autor italiano não só leu essa obra como possuiu uma cópia particular em sua própria biblioteca (catalogada hoje como manuscrito Marcianus Latinus XI. 67 [3859]), chegando até mesmo a fazer anotações em sua margem, que são datadas de 1429 a 1439 (McLaughlin, 2009, p. 182).

Alberti trilhou caminhos que o levaram a ter contato com esse diálogo logo nos primeiros anos em que ele foi descoberto, pois durante seus anos de juventude, de 1414 a 1418, foi aluno, em Pádua,

¹ Todas as traduções de textos teóricos escritos em língua estrangeira moderna para o português serão de nossa autoria exceto quando indicarmos o contrário.



de Gasparino Barzizza (1360-1431), um dos humanistas e filólogos mais envolvidos com a edição e divulgação dos escritos de Cícero. O *Brutus* foi encontrado de modo integral em Lodi, no norte da Itália, por Gerardo Landriani (c. 1390-1400 – 1445) – que era um cardeal e administrador da Sé de Lodi – no ano de 1421, junto com outros diálogos completos de Cícero como *De Oratore* e *Orator*. O diferencial é que *Brutus* era um diálogo que havia ficado esquecido, até onde se sabe, durante boa parte do medievo (McLaughlin, 2011, p. 34). Apesar do cardeal Landriani ter encontrado o original,² escrito com uma caligrafia complexa e que agora encontra-se perdido – foi Barzizza quem manteve uma cópia desse manuscrito e, ao lê-lo, compartilhou de seu entusiasmo ciceroniano com outros estudiosos (McLaughlin, 2009, p. 181-182), dentre os quais estava Alberti, seu ex-aluno, que à época residia em Bolonha para dar prosseguimento à sua formação cursando Direito Canônico. Foi Barzizza que, com Flavio Biondo (1392-1463) “ajudou a disseminar esses novos escritos retóricos de Cícero para outros humanistas italianos na década de 1420” (McLaughlin, 2011, p. 34, tradução nossa).³

É verdade que Alberti não teve participação direta na descoberta do manuscrito de *Brutus*, tampouco contribuiu de modo relevante para sua interpretação ou edição. Ainda assim, manteve com o diálogo uma relação singular de apreço, incorporando-o às suas obras mediante adaptações à sua própria realidade. Não o tratou como algo estático ou monolítico, mas como uma fonte de saber em movimento, passível de atualização pela racionalidade moderna e capaz de integrar-se a seus escritos de forma orgânica e, sobretudo, viva. O próprio McLaughlin (2011, p. 34, tradução nossa) muito bem descreve a relação de Alberti com o diálogo por meio de uma metáfora de origem senequiana pertencente ao campo semântico da

² Por “original” deve-se entender aqui a cópia medieval a partir da qual o diálogo pôde circular novamente na Modernidade. Dessa maneira, então, por “esquecido durante boa parte do medievo” deve-se entender que esse manuscrito não teve ampla circulação fora dos *scriptoria* e de alguns mosteiros, não acumulando grandes volumes de *scholia*.

³ “It was Alberti’s teacher, Barzizza, along with Flavio Biondo, who helped disseminate these new rhetorical works of Cicero to other Italian humanists in the 1420s”.



fisiologia,⁴ “diferentemente de Petrarca, ele (Alberti) não descobriu nenhum manuscrito, mas claramente digeriu a importância das recentes descobertas: *Brutus* foi talvez o texto ciceroniano mais influente para o pensamento de Alberti”.⁵ Essa, portanto, é a razão pela qual *Brutus* desempenhará o papel de ponto balizador deste artigo. Isso não significa que trechos de outras obras de Cícero serão absolutamente desconsiderados aqui, mas, de fato, serão restritos apenas àqueles que contribuam significativamente para a compreensão de nosso objetivo central supracitado.

2 Alberti, a retórica antiga e o estilo ciceroniano

Após termos abordado os principais problemas de uma análise formal da obra de Alberti e justificado a escolha do *corpus*, nossa investigação volta-se agora para o exame do estilo retórico adotado pelo autor, considerando suas referências e buscando definir sua posição especificamente em relação ao orador Cícero. Quanto ao primeiro aspecto, Alberti mostrava-se eclético, “almejando por um estilo retórico médio, não um alto” (McLaughlin, 2011, p. 32, tradução nossa).⁶ Ele apreciava autores recém redescobertos como Lucrécio, Marcial, Manílio, Sílio Itálico, bem como autores gregos, os quais ele possivelmente lia do original,⁷ como Heródoto, Xenofonte,

⁴ A epístola 84 de Sêneca (Sen. *Ep.* 84, 3, p. 276) apresenta a metáfora da abelha que, após digerir o pólen, produz o mel, assim como a leitura, que precisa ser devidamente assimilada para acrescentar poder ao raciocínio.

⁵ “Unlike Petrarch, he did not actually discover any manuscripts, but he clearly digested the importance of recent discoveries: Cicero’s *Brutus* was perhaps the most influential Ciceronian text for Alberti’s thought”.

⁶ “Alberti is aiming not at the highest but at a middle rhetorical style”.

⁷ Apesar de McLaughlin (2011, p. 34-35) afirmar que Alberti lia grego, na verdade, isso é motivo de questionamento entre os comentadores. Que Alberti dominava o latim e lia os autores romanos da Antiguidade não há a menor dúvida, porém, no que tange especificamente o seu nível de domínio de grego antigo, o assunto torna-se altamente debatido. O mais provável é que tenha tido os rudimentos da língua e soubesse o elementar, mas seu exato nível é desconhecido. Chines e Severi (2015, p. 18) supõem que ele provavelmente aprendeu o básico em Bolonha, onde Francesco Filelfo (1398-1481) lecionava, mas que nunca conseguiu ler grego com fluência. Há outros comentadores, como Oliveira (2013, p. 67), que afirmam que ele aprendeu em Pádua com o próprio Gasparino Barzizza, que também havia sido professor do próprio Filelfo. Para uma



Hipócrates e Plutarco (McLaughlin, 2011, p. 34-35). Além disso, ele também demonstrava muito interesse pelos escritos ditos “científicos” como os de matemática, veterinária e medicina. Alberti inclusive apreciava e lia escritos de autores da Antiguidade Tardia, como Sidônio Apolinário (McLaughlin, 2011, p. 36) – que, além de Vitrúvio, pode ter exercido alguma influência na composição do próprio *De Re Aedificatoria*, seu tratado técnico em dez livros sobre arquitetura – e da Idade Média como Alberto Magno, o filósofo escolástico do século XIII,⁸ quem Alberti diz que escreveu *docte et eleganter* (McLaughlin, 2011, p. 39-40).

O vasto acúmulo de erudição oriundo dessas leituras exerceu influência decisiva sobre a eloquência de Alberti. Essa pluralidade, tão ativa e formadora quanto o próprio ato de escrever, impedia que se moldasse nele um estilo puramente ciceroniano – o que, levado ao extremo, resvalaria em um servilismo excessivo a Cícero, como se observou em certos humanistas italianos do início do XVI, alvo, aliás, da célebre invectiva de Erasmo de Roterdã no *Dialogus Ciceronianus*. Entramos agora no nosso próximo ponto de análise, a posição que Alberti adota em relação a Cícero. Embora Alberti aprecie muito o mais célebre dos oradores romanos, seu estilo não é ciceroniano. É importante notar que “os ideais retóricos do escritor permanecerão sempre os mesmos, e os adjetivos que Alberti utiliza para definir seu próprio estilo também serão sempre iguais: *succincta*, *lenis*, *facillima*, *brevissima*, *ieiuna*, *exilis*, *humilis*” (McLaughlin, 2009, p. 201, tradução nossa).⁹

discussão mais aprofundada sobre esse tema cf. o livro de Lucia Bertolini (1998) intitulado *Grecus sapor: tramiti di presenza greche in Leon Battista Alberti*.

⁸ Para uma lista completa dos autores lidos por Alberti, ver o extenso capítulo *I libri posseduti e letti*, que apresenta o levantamento mais abrangente sobre o assunto (Cardini et al., 2005, p. 389-511).

⁹ Aqui McLaughlin (2009, p. 201) está se referindo a dois trechos do tratado albertiano *De commodis litterarum atque incommodis*. No primeiro lemos: *Nam **succincta** et **lenis**, ut vidisti, nostra fuit oratio eritque quoad pro rei qua de agimus magnitudine permittatur **facillima** et **brevissima*** (*Commodis*, IV, p. 97, grifo nosso). E no segundo: *Tum etiam minime sum veritus ne oratio nostra que virtute ipsa comite proficisceretur tametsi **ieiuna**, **exilis**, atque **humilis** esset, possit tamen ad iudicia litteratorum tuto pervenire*” (*Commodis*, VI, p. 112, grifo nosso).



Excluindo talvez o termo *humilis* que pode ganhar um matiz positivo no *Orator* por estar relacionado a um estilo tipicamente ático, todos os outros termos parecem ser sempre reprovados por Cícero, e Alberti tem plena ciência disso (McLaughlin, 2009, p. 201), pois no próprio *Brutus*, obra que ele muito atentamente leu, podemos verificar que o metapersonagem Cícero, ao conversar com Ático, reprova o estilo que é demasiadamente curto:

No entanto, esse interesse não era comum a toda a Grécia, mas característico de Atenas [...] O próprio Menelau, segundo Homero, é bem verdade, discursava com doçura, mas com poucas palavras. Ora, a brevidade às vezes é um mérito em certas partes do discurso, não é um mérito na eloquência como um todo (Cic. *Brut.* 49-50, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).¹⁰

Aqui podemos verificar que o excesso de laconismo impedia que o orador se tornasse ideal, mesmo que ele tivesse outras características positivas, como Menelau, que mesmo tendo doçura ao falar (*Menelaum ipsum dulcem*), ainda assim não era perfeito, pois discursava com poucas palavras (*pauca dicentem*).

Sobre isso, McLaughlin (2009, p. 202) relembra a dedicatória a Francisco Mariscalco que Alberti faz em seus *Apologi Centum* – uma curta e não ortodoxa reunião de fábulas –, na qual o próprio autor italiano admite que seu estilo retórico dotado de uma brevidade excessiva poderia lhe deixar um pouco obscuro:

Esses (os *apologi*, isto é, as “fábulas”), se talvez te parecerem um pouco obscuros em algum ponto, sê indulgente com a brevidade que almejei com diligência. Com efeito, dizem que a concisão ao falar raramente esteve isenta de obscuridade, e pensei que as fábulas devessem ser o mais breves possível; no entanto, graças à sua concisão, ao relê-las, não debes ter grande tédio (Alberti, *Apologi Centum*, p. 3, tradução nossa).¹¹

¹⁰ *Hoc autem studium non erat commune Graeciae, sed proprium Athenarum [...] Menelaum ipsum dulcem illum quidem tradit Homerus, sed pauca dicentem. Brevitas autem laus est interdum in aliqua parte dicendi, in universa eloquentia laudem non habet.*

¹¹ *Qui, si fortassis tibi subobscuriores aliquo in loco videbuntur, dabis veniam huic nostrae, cui vehementer studuimus, brevitati. Siquidem, ut aiunt, ferme nusquam in*



Apesar de fazer esse reconhecimento, logo se justifica dizendo que julgou que ela fosse adequada e necessária como parte integrante do gênero que quis escrever (*et apologos quam brevissimos esse oportere censui*). Além disso, ele proporciona uma possível solução: a releitura (*iterum atque iterum relegas*).

E não é despropositada a afirmação contida na apódose do período condicional (*non multum taedii afferent*) de que mesmo sendo necessário reler algumas vezes para se alcançar um entendimento pleno, isso não causaria tédio ou fastio, pois, tradicionalmente, na retórica antiga, um estilo excessivamente prolixo era motivo de invectiva. No próprio *Diálogo dos oradores*, de Tácito, podemos observar na voz de Apro, que defende a nova geração de rétores, uma crítica às antigas gerações que, segundo ele, tinham preferência por discursos longos sem necessidade:

O público daquela época, leigo e pouco refinado que era, suportava facilmente o sem fim dos discursos mais intrincados, e é isso mesmo que apreciava, que alguém passasse o dia inteiro discursando. [...] fazem-se necessárias direções novas e requintadas para a eloquência, com as quais o orador evite a aversão dos ouvintes, sobretudo quando se trata daqueles juízes que decidem com base no poder e na autoridade, não no direito e nas leis, que não acatam prazos regimentais, mas os estabelecem, que não consideram que se deva aguardar o orador enquanto lhe aprover discursar sobre o ponto em questão, mas que ainda por cima ficam sempre advertindo e chamando à ordem quem faça digressões por outros temas, deixando clara a sua pressa (Tac. *Dial.* 19.2-5, tradução de Victor Bernardo Chabu).¹²

dicendo fuit brevis non obscura, et apologos quam brevissimos esse oportere censui, sed quom ita per breves sint, ut, si eos iterum atque iterum relegas, non multum taedii afferent.

¹² *Facile perferebat prior ille populus, ut imperitus et rudis, impeditissimarum orationum spatia, atque id ipsum laudabat, si dicendo quis diem eximeret [...] nouis et exquisitis eloquentiae itineribus opus est, per quae orator fastidium aurium effugiat, utique apud eos iudices qui ui et potestate, non iure aut legibus, cognoscunt, nec accipiunt tempora, sed constituunt, nec expectandum habent oratorem dum illi libeat de ipso negotio dicere, sed saepe, ultro, admonent atque alio transgredientem reuocant, et festinare se testantur.*



Embora a retórica que esteja em jogo aqui seja a forense, ainda assim, esse trecho nos elucida bem como a eloquência, seja ela em qual âmbito for, se preocupa com a questão do gosto de seu público ouvinte e as reações da audiência, isto é, a adequação, *to prepon* ou *decorum*, presente respectivamente na *Arte retórica* de Aristóteles e em quatro tratados de Cícero: *De Oratore*, *De Officiis*, *Orator* e *De Inventione* (Mendes, 2016, p. 1322-1324). Tendo em vista esse preceito retórico, ao optar por um estilo mais profuso e extenso, corre-se o risco de entediar sua audiência. E esse risco Alberti parecia não estar disposto a correr. O vocabulário de Tácito é bem preciso para descrever exatamente o que Alberti relata em sua dedicatória, aquilo que não queria causar com seu estilo: *fastidium aurium*, isto é, literalmente um fastio aos ouvidos do público. De um modo geral, portanto, podemos concluir que Alberti não visa reproduzir o estilo ciceroniano. Na verdade, McLaughlin (2009, p. 183) corretamente aponta que no proêmio ao livro VII das *Intercænales*, diálogos destinados pelo autor a serem lidos durante os jantares, “encontramos a mais explícita defesa do próprio latim eclético, em uma página que constitui um manifesto para todos os humanistas anti-ciceronianos do *Quattrocento*”.¹³

Apesar de Alberti não almejar decalcar sua obra no estilo do orador romano, isso não quer dizer que Cícero não tenha exercido grande influxo no autor ou que ele não reconhecesse grandemente o mérito do rétor e se dedicasse a ler suas obras. Muito pelo contrário, como McLaughlin (2009, p. 191) tão cirurgicamente aponta em seu artigo “Alberti e le opere retoriche di Cicerone”: “é preciso ler muito Cícero para nunca se tornar ciceroniano”.¹⁴ E, de fato, Alberti leu muito Cícero, principalmente o *Brutus*, pelos motivos que já mencionamos na primeira parte deste artigo. A partir de *Brutus* podemos perceber mais facilmente que o influxo ciceroniano teve uma agência muito maior no nível do conteúdo das obras albertianas do que no da forma. Apesar de, como

¹³ “Infatti, nel proemio al Libro VII delle *Intercenales* troviamo la più esplicita difesa del proprio latino eclettico, in una pagina che costituisce un manifesto per tutti gli umanisti anti-ciceroniani del Quattrocento”. Traremos um excerto do proêmio das *Intercænales* mais à frente, na segunda ocorrência, que será analisada na terceira parte deste artigo.

¹⁴ “Bisogna leggere molto Cicerone per non diventare mai ciceroniano”.



sugere a frase de McLaughlin que reproduzimos anteriormente, o fato de esforçar-se tão diligentemente para se afastar do estilo ciceroniano já ser uma forma de recepção de Cícero em sua obra, além de uma clara mostra de um domínio internalizado do estilo do orador romano, ainda há outros elementos que podem dar um panorama dos impactos da presença da retórica ciceroniana em Alberti. São esses que veremos a seguir.

3 A recepção de *Brutus* por Alberti: três ocorrências

De agora em diante, nos dedicaremos especialmente a analisar em detalhe três ocorrências que exemplificam bem a recepção do *Brutus*, de Cícero, por Leon Battista Alberti, são eles: 1) a presença do humor na eloquência; 2) a permissão para um mesmo autor escrever com variedade estilística e 3) o princípio de evolução progressiva das artes e da linguagem. Antes de começar a investigar a presença do humor no estilo retórico de Alberti, precisamos primeiro analisar a passagem em que Alberti deixou uma significativa anotação na margem de seu exemplar de *Brutus*,¹⁵ e que chegou até nós de modo completamente legível.

Em *Brutus*, Antônio e Licínio Crasso são mencionados como os oradores que primeiro equipararam a retórica latina à grega “[...] chegamos assim também agora a Antônio e Crasso. De fato, eu penso o seguinte: esses foram os maiores oradores, e com eles pela primeira vez a copiosidade da oratória latina se igualou à glória dos gregos.” (Cic. *Brut.* 138, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).¹⁶ Cícero primeiro disserta sobre as características da retórica de Antônio, com suas palavras sempre bem colocadas, que, somadas a sua hábil capacidade de memorização, sempre discursava sem parecer que havia feito uma preparação, embora o tivesse feito ostensivamente. Logo após isso, ele descreve a precisão com que Crasso escolhia os melhores vocábulos da

¹⁵ Para uma análise das minúcias filológicas e paleográficas da anotação das duas palavras (*laus oratoris*) por Alberti cf. (Cardini *et al.*, 2005, p. 404-405).

¹⁶ [...] sic nunc ad Antonium Crassumque pervenimus! Nam ego sic existimo, hos oratores fuisse maximos et in his primum cum Graecorum gloria Latine dicendi copiam aequatam.



língua latina – contudo sem se tornar pedante – bem como destaca sua grande habilidade argumentativa e analógica (Cic. *Brut.* 143). No entanto, o que mais chama a atenção de Alberti, ao ler a descrição de Crasso feita por Cícero, é a capacidade de elocução desse personagem, que misturava solenidade e elevação (*gravitas*) com bom humor e gracejos (*facetiae*), e tudo isso sem deixar de falar um latim elegante e esmerado:

De minha parte, embora atribua a Antônio tudo o que disse antes, penso que não podia haver nada de mais perfeito que Crasso. Havia nele extrema seriedade, havia junto com a seriedade um humor oratório não bufonesco, próprio dos gracejos e da urbanidade, uma linguagem apurada e uma elegância cuidadosa, sem afetação; ao argumentar, sua exposição era admirável (Cic. *Brut.* 143, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).¹⁷

Cícero em nenhum momento coloca Crasso em um plano inferior apenas porque o humor era parte integrante de sua eloquência. Muito pelo contrário, poucas linhas acima do mesmo parágrafo, Cícero admite que alguns o consideravam igual – ou ainda melhor – do que Antônio, “Uns equiparavam-no, outros colocavam-no atrás de Crasso” (Cic. *Brut.* 143, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).¹⁸ É exatamente nesse trecho e nesse contexto que McLaughlin (2011, p. 38) diz que Alberti escreve as palavras “*laus oratoris*” (elogio ao orador) na margem de seu manuscrito, e posteriormente comenta que essa passagem de *Brutus* terá uma relevância duradoura para Alberti e que, de fato, “o cultivo de um tom humorístico em seus trabalhos em latim origina-se tanto dessa aprovação ciceroniana do humor espirituoso quanto dos diálogos de Luciano (de Samósata)” (McLaughlin, 2011, p. 40, tradução nossa).¹⁹

Podemos comprovar esse mesmo ponto também por meio de *Momus*, um escrito que é muito mais do que uma simples subversão de um

¹⁷ *Equidem quamquam Antonio tantum tribuo quantum supra dixi, tamen Crasso nihil statuo fieri potuisse perfectius. Erat summa gravitas, erat cum gravitate iunctus facetiarum et urbanitatis oratorius, non scurrilis lepos; Latine loquendi accurata et sine molestia diligens elegantia; in disserendo mira explicatio* (grifo nosso).

¹⁸ *Huic alii parem esse dicebant, alii anteponebant L. Crassum.*

¹⁹ “So the cult of a humorous strain in his Latin works stems as much from this Ciceronian approval of wit as from the dialogues of Lucian”.



speculum principis, ele é “[...] desprovido de gênero identificável, Alberti faz com que a mitologia, a ficção literária, a teoria política, o diálogo filosófico e uma farsa ampla disputem pela primazia dentro dessa obra altamente incomum” (Knight, 2003, p. VII, tradução nossa).²⁰ No próêmio de *Momus*, de forma muito programática, encontramos Alberti dizer:

Portanto, eu afirmaria que, se algum dia nos for concedido alguém capaz de oferecer a seus leitores os meios para desfrutar de uma vida melhor – instruindo-os com sentenças ponderadas e com um material variado e primoroso, ao mesmo tempo que os encanta com o riso, os agrada com piadas e os deleita com prazeres – algo que, entre os autores latinos, não tem ocorrido com a devida frequência –, então penso que esse autor não deveria, de modo algum, ser colocado no mesmo nível que escritores comuns e ordinários. (Alberti, *Momus*, p. 4, tradução nossa).²¹

Desse trecho, podemos extrair alguns dos preceitos mais fundamentais da retórica e das poéticas romanas, sobretudo a articulação entre deleitar e instruir. Como bem formulou o poeta Horácio, na *Arte Poética* “Ou ser úteis ou deleitar querem os poetas, ou, simultaneamente, dizer coisas não só agradáveis, mas também úteis à vida” (Hor. *Ars* 333-4, tradução de Bruno Francisco dos Santos Maciel *et al.*). O que mais chama a atenção nesse trecho do *Momus*, contudo, é que Alberti recorre exatamente aos mesmos termos (*gravitas* e *elegans*) empregados por Cícero no *Brutus*, justamente naquele ponto em que anota, na margem do manuscrito, a expressão *laus oratoris*. Vale lembrar que se trata do trecho em que Cícero enumera as qualidades

²⁰ “Rather than writing within one identifiable genre, Alberti causes mythology, literary fiction, political theory, philosophical dialectic and broad farce to jostle for primacy within this highly unusual work”.

²¹ Tradução nossa a partir da versão inglesa de Sarah Knight (Alberti, *Momus*, p. 5, trad. ingl. Sarah Knight). O texto original em latim é como segue: “*Itaque sic deputo, nam si dabitur quispiam olim qui cum legentes ad frugem vitae melioris instruat atque instituat dictorum gravitate rerumque dignitate varia et eleganti, idemque una risu illectet, iocis delectet, voluptate detineat, quod apud Latinos qui adhuc fecerint nondum satis existitere, hunc profecto inter plebeios minime censendum esse*” (Alberti, *Momus*, p. 4).



de Licínio Crasso. Além disso, quando Alberti diz que esse tipo de gênero híbrido, cuja adição de um humor elegante é capaz de ensinar e deleitar, quase não existia entre os latinos (*quod apud latinos qui adhuc fecerint nondum satis existitere*), o autor parece estabelecer uma relação alusiva ao trecho de *Brutus* em que Cícero descreve o latim do discurso de Crasso (*Latine loquendi*) como detentor dessas características excepcionais, isto é, o de deleitar pela elegância da linguagem e o de expor seus argumentos de forma didática: “Havia nele [...] uma linguagem apurada e uma elegância cuidadosa, sem afetação – ao argumentar, sua exposição era admirável” (Cic, *Brut.* 143, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).²²

O segundo exemplo de influxo ciceroniano que vamos analisar relaciona-se diretamente ao primeiro, pois, além do humor, Alberti, como já havia deixado claro em *Momus*, apreciava também a variação (*instituat dictorum gravitate rerumque dignitate varia*),²³ considerando-a como uma qualidade rara entre os próprios latinos. Todavia, nas *Intercænalis* ele expôs essa questão de modo tão enfático e irônico que fez com que muitos estudiosos considerassem o trecho um verdadeiro manifesto anticiceroniano, fato que comentamos *en passant* no início deste texto.

Ao avaliar os escritos alheios, somos, sem exceção, tão exigentes que esperamos que estejam à altura da eloquência de Cícero, como se todos os excelentes autores de outrora se considerassem Cíceros. Tolos! [...] A eloquência é tão variada que até mesmo Cícero, por vezes, é muito pouco ciceroniano. É algo grandioso escrever de modo adequado e excelente – grandioso e elevado demais para que se possa sequer aproximar, quanto mais alcançar, a menos que se tenha um talento divino que se eleve acima dos demais. Pouquíssimos antigos o conseguiram e, ainda assim, hoje são todos lidos e exaltados aos céus. Por isso, penso que não se deve desprezar os escritores contemporâneos, desde

²² *Latine loquendi accurata et sine molestia diligens elegantia; in disserendo mira explicatio.*

²³ Cf. Nota 21 deste artigo.



que produzam algo que proporcione algum pequeno prazer (Alberti, *Intercænalis*, p. 127, tradução nossa).²⁴

Aqui encontramos a ironia albertiana por excelência, pois ele usa o próprio Cícero para “abordar as dificuldades da imitação, rejeitando as cópias servis e o fanatismo ciceroniano” (D’Ascia, 1994, p. 211).²⁵

Essa ideia de *variatio* dialoga fortemente com o trecho de *Brutus* em que Cícero disserta sobre as diversas fases da eloquência de Hortênsio, que variaram conforme o estado psicológico do orador: se mais alerta e disposto a competir, melhor; se mais relaxado e pronto para levar a vida com mais leveza, pior.

Com efeito, depois do consulado – creio que vendo que nenhum dos anteriores cônsules pudesse ser comparado a ele, negligenciando, porém, aqueles que não haviam sido cônsules –, abandonou aquele seu extraordinário empenho, que o inflamara desde criança e almejava levar uma vida mais tranquila em meio a sua grande riqueza, como ele acreditava, mas na verdade menos ativa. O primeiro, o segundo e o terceiro ano havia, por assim dizer, desbotado a cor de uma velha pintura numa tal proporção que ninguém do povo era capaz de perceber, mas apenas um crítico instruído e competente. Porém, com o passar do tempo, degenerando tanto nas demais partes de sua eloquência, mas principalmente na velocidade e no encadeamento das palavras, parecia se

²⁴ Tradução nossa a partir da versão inglesa de David Marsh (Alberti, *Dinner Pieces*, p. 127, trad. ingl. David Marsh). Para o texto latino estamos usando a edição de 1965 organizada por Eugenio Garin. “*Aliorumque scriptis pensitandis ita sumus plerique ad unum omnes fastidiosi, ut ea Ciceronis velimus eloquentie respondere, ac si superiori etate omnes qui approbati fuere scriptores eosdem fuisse Cicerones statuunt. Inepti! [...] At enim varia res est eloquentia, ut ipse interdum sibi Cicero perdissemilis sit. Magna itidem res est dicere apte et luculenter [...] quod ipsum veterum quoque perpauca potuere; tamen omnes Iectitantur et in delitiis habentur. Ea de re illos ego hac etate haudquaquam esse aspernandos reor, qui aliquid in medium, qualecumque illud sit, afferant, quod quota ex parte nos delectet.*” (Alberti, *Intercænali ineditæ*, p. 64, grifo nosso)

²⁵ “Leon Battista affronta le difficoltà dell’imitazione rifiutando le copie pedisseque ed il fanatismo ‘ciceroniano’”.



tornar a cada dia mais diferente de si mesmo (Cic. *Brut.* 320, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).²⁶

É interessante notar como Alberti, no excerto das *Intercænalis* que trouxemos mais acima, parece ressoar o vocabulário desse trecho de *Brutus*, mas, claro, transformando-o, como era de seu costume. É o caso do adjetivo *dissimilis* que em Cícero está no grau comparativo (*sui dissimilior*), mas que em Alberti é superlativizado com o prefixo [*per-*], o que hiperboliza a amplitude de variação que ele designa que o próprio Cícero atingiu em sua prática oratória (*ut ipse interdum sibi Cicero perdissimilis sit*). Essa hiperbolização não é sem propósito, ela se alinha ao objetivo de Alberti, que é exatamente o de conceder a autoridade necessária para a variação da eloquência, conceito que precisava ganhar adeptos entre os seus leitores e companheiros humanistas, uma vez que Alberti jamais seria monocórdico em sua oratória tampouco monogenérico em sua escrita.

O conceito de variação em Alberti está intrinsecamente ligado a um outro: o de progresso ou evolução. Isso nos leva a nosso terceiro e último exemplo do influxo da obra *Brutus* no trabalho do humanista, uma vez que, como McLaughlin (2009, p. 189) bem salienta, esse diálogo já “[...] começa com a constatação de que o estilo de Cícero atingiu seu ápice e que agora está prestes a decair”.²⁷ O trecho sobre o qual fala McLaughlin é o que o metapersonagem Cícero lamenta que, quando sua oratória finalmente atingiu a maturidade, ela tenha sido desperdiçada, pois os homens que poderiam usufruir do conhecimento e da capacidade de

²⁶ *Nam is post consulatum — credo quod videret ex consularibus neminem esse secum comparandum, neglegeret autem eos qui consules non fuissent — summum illud suum studium remisit quo a puero fuerat incensus, atque in omnium rerum abundantia voluit beatius, ut ipse putabat, remissius certe vivere. Primus et secundus annus et tertius tantum quasi de picturae veteris colore detraxerat, quantum non quivis unus ex populo, sed existimator doctus et intellegens posset cognoscere. Longius autem procedens, ut in ceteris eloquentiae partibus, tum maxime in celeritate et continuatione verborum adhaerescens, sui dissimilior videbatur fieri cotidie* (grifo nosso).

²⁷ *Il Brutus comincia con la constatazione che lo stile di Cicerone ha raggiunto l'apice e che ora sta per tramontare.*



comunicação que ela tinha a oferecer, estavam agora indo para a guerra resolver seus conflitos com violência, não com diálogo:

Quando minha eloquência começava a encanecer e alcançava sua maturidade e uma certa velhice, foi então que pegaram em armas aqueles mesmos que haviam aprendido a fazer uso delas de modo glorioso, mas que não encontravam um modo saudável de utilizá-las (Cic. *Brut.* 8, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).²⁸

Faz-se necessário esclarecer, antes de prosseguirmos para nossa terceira análise – o princípio de evolução progressiva das artes da linguagem –, que em Cícero não há uma rigidez absoluta no que tange a essa questão, bem como há algumas exceções à regra. Essa progressão por ele aludida, por exemplo, tem limites, e o limite é o próprio ser humano. Cícero em sua juventude não conseguia projetar e modular sua voz ao discursar em razão daquilo que Alfredo Casamento (2018, p. 68) chamou de “questão dos pulmões”, uma certa fraqueza nos pulmões que podemos imaginar ser ou algum problema respiratório ou alguma limitação no controle do fluxo de ar. Cícero só teria se curado desse mal após sua viagem à Grécia e à Ásia (Casamento, 2018, p. 70). Seja essa cura fictícia, meramente criada por Cícero para fazer sentido e encaixar-se na narrativa que estava construindo, ou não, isso não importa, pois, no final das contas, o recurso cumpriu seu papel narrativo, fazendo com que ele se apresentasse como alguém que completou todos os segmentos de um arco de superação. Foi capaz de transpor as dificuldades e seguir o curso natural de evolução. O mesmo, contudo, não acontece com um outro orador romano citado no *Brutus* (*passim*), Caio Aurélio Cota, que nunca conseguiu se livrar dessa limitação física que impedia seu pleno desenvolvimento. Cícero tenta fazer uma concessão dizendo que ele soube compensar de outras formas, como “estimulando os juízes ao trabalhar em suas mentes com um toque suave” (Casamento, 2018, p.

²⁸ *Cumque ipsa oratio iam nostra canesceret haberetque suam quandam maturitatem et quasi senectutem, tum arma sunt ea sumpta, quibus illi ipsi, qui didicerant eis uti gloriose, quem ad modum salutariter uterentur, non reperiebant.*



69, tradução nossa).²⁹ Isso, porém, parece não ter sido suficiente, e como ressalta Casamento (2018, p. 74, tradução nossa) “sua eloquência, embora notável, não atingira a perfeição”,³⁰ e, de fato, dentro dessa lógica de desenvolvimento limitado pelo corpo humano, ele nunca poderia atingir.

De modo geral, porém, para Cícero as coisas progridem, tanto as habilidades de um orador individual, no nível micro, quanto as artes e a própria linguagem como um todo. E Alberti aprende do *Brutus*, mas também de outras obras ciceronianas como o *Orator* e o *De Oratore*, que toda arte e técnica evoluem de forma diacrônica (McLaughlin, 2009, p. 187-188). Isso lhe será de extrema importância para formular teses que, de fato, se provarão verdadeiras, como veremos adiante.³¹

É bem possível que Alberti tenha absorvido esse conceito de progressividade de duas partes muito significativas do *Brutus*. A primeira delas é quando Cícero faz uma breve cronologia dos melhores escultores e pintores e declara:

Pois nada é ao mesmo tempo inventado e amadurecido, e não se deve duvidar de que houve poetas antes de Homero, como se pode depreender daqueles poemas que em sua obra são cantados tanto nos banquetes dos Feácios como nos pretendentes (Cic. *Brut.* 71, tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).³²

Nesse trecho há dois princípios muito bem definidos que podem ser extraídos: a) o novo não é compatível com o perfeito, pois eles fazem parte de extremidades opostas de uma mesma linha evolutiva, e b) nada é dito que antes já não o tenha sido, o famoso *nihil dictum quin prius dictum*. Esses dois princípios serão importantíssimos para a própria poética albertiana. Enquanto o primeiro princípio tem ressonância no terceiro livro de *De Pictura*, seu tratado teórico sobre a pintura – onde é possível

²⁹ “Cotta was able to stimulate the judges by working on their souls with his gentle touch”.

³⁰ “Their eloquence, though remarkable, is not perfect”.

³¹ Nos referimos aqui à tese de que o latim e o italiano não eram línguas que coexistiram na Antiguidade, mas que este último se originou do primeiro.

³² *Nihil est enim simul et inventum et perfectum; nec dubitari debet quin fuerint ante Homerum poetae, quod ex eis carminibus intellegi potest, quae apud illum et in Phaeacum et in procorum epulis canuntur.*



ler: “[...] não existe arte que não tenha começado com coisas defeituosas: nada pode, ao mesmo tempo, nascer e estar perfeito (Alberti, *Da Pintura*, III. 63, p. 64, tradução de José Serra) –,³³ o segundo tem seu impacto em *Profugiorum ab ærumna* – um peculiar diálogo que visa demonstrar como repelir os sofrimentos a partir de exercícios de racionalidade –, onde Alberti entende que “se não há primazia para a originalidade,” uma vez que tudo que é dito já fora dito antes, “então o desejo e o alcance da glória não depende de indivíduos particulares, mas na participação do autor em uma perpétua bricolagem retórica, que gera filiação entre os autores e a história da literatura” (Nagel, 1980, p. 42, tradução nossa).³⁴ É em *Profugiorum ab ærumna*, que Alberti, sob a voz de Nicola di Vieri de’ Medici, utiliza-se da metáfora do autor como tecelão e coletor e

[...] anuncia assim uma posição humanista-retórica geral sobre a literatura e seus valores. Deve haver uma figura no tapete, mas não deve ser identificada com a unidade do assunto ou um design imediatamente aparente, mas, sim, com uma causa conceitual mais ou menos fora da obra e um efeito final mais ou menos localizável na audiência. A literatura aqui é uma recordação do disseminado, e a relação paradoxal do autor pessoal com o texto e as funções textuais derivam de seu trabalho como coletor e tecelão. Nenhuma unidade da invenção pode ser atribuída diretamente a ele, pois ele sempre apenas tenta recuperar uma unidade anterior, ou então reproduzir partes de tal unidade (Nagel, 1980, p. 44, tradução nossa).³⁵

³³ No texto original, conforme editado por Cecil Grayson, lemos [...] *nulla sit ars quae non a mendosis admodum initiis exordium sumpserit. Simul enim ortum atque perfectum nihil esse aiunt. (De Pictura, 106).*

³⁴ “If there is no primacy to originality, then desire for and achievement of glory depend not upon particulars, but upon the author’s participation in a rhetorician’s perpetual bricolage, which generates the filiation of authors and the history of literature”.

³⁵ Alberti’s Niccola thus announces a general humanist-rhetorical position on literature and its values. There must be a figure in the carpet, but it is not to be identified with unity of subject-matter or an immediately apparent design so much as with a conceptual cause more or less outside the work and a final effect more or less locatable in the audience. Literature here is a recollection of the disseminated, and the paradoxical relation of the personal author to the text and textual functions derives from his work as collector



A segunda parte significativa de *Brutus* da qual Alberti se utiliza para absorver o conceito de progressividade é no catálogo feito por Cícero sobre os oradores, seus estilos, idiossincrasias e as características inerentes a cada uma de suas gerações, trabalhado, praticamente, durante quase toda a extensão do diálogo. Após ler em *Brutus* que a oratória se desenvolveu diacronicamente de Ápio Cláudio até Hortênsio, Leon Battista Alberti “aprendeu que o latim não é monolítico, mas, sim, uma língua como o vernáculo que, partindo de uma fase arcaica, começa a crescer e a atingir sua maturidade” (McLaughlin, 2009, p. 189, tradução nossa).³⁶

Essa questão será fulcral, pois, sem esse entendimento, Alberti não teria concebido escrever uma gramática inteira sobre o dialeto toscano, variante que, inclusive, se fixará como o italiano *standard* após a unificação da Itália na segunda metade do século XIX. De todo modo, a *Grammatica della lingua toscana* (c. 1437) – ou *Grammatica vaticana*, pois foi preservada no manuscrito Reginensis Latinus 1370, da Biblioteca do Vaticano (Grayson, 1963, *passim*) – será não somente a primeira gramática de um dialeto italiano, mas a primeira gramática de uma língua românica.³⁷ A partir dessas lições sobre variação e sobre desenvolvimento diacrônico Alberti entendeu que

[...] até mesmo o latim começou de princípios humildes e que o vernáculo poderia, portanto, desenvolver-se da mesma forma: a ideia de progresso artístico gradual foi fundamental para Alberti, e isso significou que ele poderia ganhar a causa para o vernáculo nos próprios termos dos humanistas (ou seja, por meio da validação de uma autoridade da Antiguidade Clássica) sem ter que invocar

and weaver. No unity of the invention can be attributed directly to him, for he always only attempts to recuperate an anterior unity, or else to replay parts of such a unity.

³⁶ “Così Alberti avrà imparato che il latino non è monolitico, bensì una lingua come il volgare che partendo da una fase arcaica comincia a crescere e a raggiungere una sua maturità” (McLaughlin, 2009, p. 189).

³⁷ Talvez com exceção do provençal antigo, mas isso é discutível a depender das definições do que é uma gramática. Para um aprofundamento sobre esse tópico cf. Marshall, 1969, p. 66–78.



Dante, Petrarca e Boccaccio, cujos nomes ele nunca menciona (McLaughlin, 2011, p. 57, tradução nossa).³⁸

Alberti, portanto, demonstra claramente ter entendido que uma arte, uma técnica e uma língua somente podem ser aprimoradas, caso sejam postas em uso ao longo de certo período de tempo. A partir disso, ele conclui que a língua latina e as línguas vernáculas não coexistiram na Antiguidade. Estas últimas foram uma corrupção da primeira em razão de influências externas. Além disso, ele também compreendeu bem que há princípios gramaticais que são inerentes às línguas modernas em oposição às antigas (Grayson, 1963, p. 296). Essa questão era um imbróglio que estava sendo especialmente debatido na cidade de Florença, e quem nos reporta isso é o próprio humanista Flavio Biondo (1392 – 1463), em sua epístola *De locutione romana* (Grayson, 1963, p. 295). Alberti fez muito mais do que apenas passivamente compreender – de modo correto, diga-se de passagem – os mecanismos por trás dos fenômenos linguísticos envolvidos no desenvolvimento do dialeto toscano a partir do latim. Esse fato por si só já teria sido um feito louvável, mas Alberti vai além. Ele proativamente instigou que se escrevesse em vernáculo, uma vez que, se o próprio latim “só atingiu seu auge no tempo de Cícero e Virgílio graças ao fato de que muitos autores escreveram naquela língua, da mesma forma, ele [Alberti] argumentou que a nova língua toscana só seria capaz de alcançar a dignidade do latim caso os intelectuais estivessem dispostos a nela escreverem” (McLaughlin, 2011, p. 48, tradução nossa).³⁹

4 Conclusões

Ao longo deste estudo pudemos constatar que Alberti tem um estilo retórico eclético, gerado principalmente por meio de uma leitura ativa de

³⁸ [...] even Latin had started from humble beginnings and that the vernacular could therefore develop in the same way: the idea of gradual artistic progress was fundamental to Alberti, and it meant he could champion the vernacular on humanist grounds without having to invoke Dante, Petrarch and Boccaccio, whom he never names.

³⁹ “[Latin] only reached its peak in the time of Cicero and Virgil thanks to the fact that so many writers wrote in the language. In the same way, he argued, the new Tuscan language would only be able to acquire the dignity of Latin if intellectuals are willing to write in it”.



autores de diferentes gêneros, áreas e épocas. Também pudemos verificar que adota uma posição de admiração em relação a Cícero e ao conteúdo sobre o qual orador escreveu, mas que se afasta de praticar um estilo puramente ciceroniano, usando de forma irônica o próprio Cícero para se manifestar contra o ciceronismo cego e fanático.

Além disso, o trabalho *Brutus*, de Cícero, teve um grande impacto na vida e na obra de Leon Battista Alberti. As três ocorrências que analisamos – a presença do humor em sua retórica, a permissão para a variação individual e coletiva, e o aspecto de progressividade das artes plásticas e da linguagem – nos mostram que Cristoforo Landino (1424-1498) tinha razão quando em seus *Scritti critici e teorici* (I, 35-6) elogia Alberti por sua habilidade de ser um “transferidor” de todo tipo de elegância, composição e dignidade dos clássicos da Antiguidade para sua vida e época atual (Landino *apud* McLaughlin, 2011, p. 32, nota 24, tradução nossa).⁴⁰ Em todos os casos, pudemos observar como Alberti não apenas faz uma cópia servil do material antigo, mas o incorpora em suas obras de diversas maneiras e concede-lhes vitalidade.

Ser fiel a Cícero é um paradoxo, pois, para Alberti, Cícero era muito mais que do que o próprio Cícero. Isso porque este não só variou sua eloquência ao longo de sua vida como também era devedor do acúmulo de erudição que viera antes dele, em um mosaico que remonta a tempos imemoriais de transmissão oral. Portanto, limitar-se a Cícero era automaticamente limitar Cícero. O autor italiano usou o próprio orador romano para rebater os fanáticos ciceronianos. Dessa maneira, Cícero foi recebido por Alberti não como um cadáver sepultado cerca de um milênio e meio antes, tampouco como uma entidade inalcançável numa espécie de culto estritamente monoteísta. Cícero foi “digerido”, para usar a metáfora de Sêneca (Sen. *Ep.* 84, 3 p. 276), e por meio de Alberti suas palavras puderam uma vez mais ressoar com uma voz humana, e não apenas como meras palavras copiadas e recopiadas em letras carolíngias ou góticas pelos monges dos *scriptoria* medievais. Leon Battista Alberti foi o agente de

⁴⁰ “Ma uomo che più industria abbi messo in ampliare questa lingua che Batista Alberti certo credo che nessuno si truovi. Legete, priego, e’ libri suoi e molti e di varie cose composti, attendete con quanta industria ogni eleganzia, composizione e dignità che appresso a’ Latini si truova si sia ingegnato a noi transferire”.



várias interações genéricas durante o primeiro período da Renascença, e um dos primeiros que reconheceu e valorizou que essas interações já aconteciam em Roma no final da república e no início do principado, encarando como um dever dar continuidade a essa tradição em seu próprio período.

5 Agradecimentos

Este trabalho recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) nos processos 2023/07822-8 e 2024/14286-8.

Referências

ALBERTI, L. B. Leonis Baptistae Alberti Apologi Centum. In: ALBERTI, L. B. *Apologhi ed eloghi*. Organizado por Rosario Contarino. Genova: Costa & Nolan, 1984, p. 3.

ALBERTI, L. B. *Da Pintura*. In: ALBERTI, L. B. *Da Pintura seguido de Da Estátua*. Tradução de José Serra. Lisboa: E-primatur/Letras Errantes, 2017. III, 63, p. 63-64.

ALBERTI, L. B. *De Commodis Litterarum atque Incommodis*. Organizado por Laura Goggi Carotti. Florença: Olschki, 1976. (Nuova collezione di testi umanistici inediti o rari, v. 17).

ALBERTI, L. B. *De Pictura*. Organizado por Cecil Grayson. Bari: Laterza, 1980.

ALBERTI, L. B. *Dinner Pieces*. Tradução de David Marsh. Medieval & Renaissance Texts & Studies: Nova Iorque, 1987. v. 45.

ALBERTI, L. B. *Intercenali inedite*. Organizado por Eugenio Garin. Florença: Sansoni, 1965.

ALBERTI, L. B. *Momus*. Edição, introdução e tradução de Sarah Knight. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

ALBERTI, L. B. *Profugiorum ab erumna libri*. Organizado por G. Ponte. Genova: Tilgher, 1988.

ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.



BERTOLINI, L. *Grecus sapor: tramiti di presenze greche in Leon Battista Alberti*. Roma: Bulzoni, 1998. (Humanistica, v. 20).

CARDINI, Roberto. *et al. Leon Battista Alberti: la biblioteca di un umanista*. Firenze: Mandragora, 2005. (Cataloghi e mostre, v. 6).

CASAMENTO, A. The Eloquence of Publius Sulpicius Rufus and Gaius Aurelius Cotta in Cicero's Brutus. In: GRAY, C. *et al.* (Org.). *Reading Republican Oratory: Reconstructions, Contexts, Receptions*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 59-74.

CHINES, L.; SEVERI, A. (Orgs.). *Leon Battista Alberti, Autobiografia e altre opere latine*. Milano: BUR Rizzoli, 2015. (BUR Rizzoli. Classici).

CRISTOFORO LANDINO. *Scritti critici e teorici*. Edição, introdução e comentários de Roberto Cardini. Roma: Bulzoni, 1974.

D'ASCIA, L. Tecnica Dialogica e Tematica Politica Nell'Alberti Volgare. *Lettere Italiane*, v. 46, n. 2, p. 201-31 1994.

GRAFTON, A. Leon Battista Alberti: The Writer as a Reader. In: GRAFTON, A. *Commerce with the Classics: Ancient Books and Renaissance Readers*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, v. 20, 1997. p. 53-92. (Thomas Spencer Jerome Lectures Series.)

GRAYSON, C. Leon Battista Alberti and the Beginnings of Italian Grammar. In: THE BRITISH ACADEMY (Org.). *Proceedings of the British Academy*. Londres: The British Academy Press, 1963. p. 291-315. v. 49.

HORÁCIO. *Epistulae ad Pisones*: edição bilingue. Organizado e traduzido por Bruno Maciel *et al.* Belo Horizonte: FALE/UFGM – Laboratório de Edição, 2013. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/Epistula%20ad%20Pisones.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

KNIGHT, S. Introduction. In: ALBERTI, L. B. *Momus*. Edição, introdução e tradução de Sarah Knight. Cambridge: Harvard University Press, 2003. p. VII-XXV.

MARSHALL, J. H. (org.). *The Donatz Proensals of Uc Faiddit*. Londres: Oxford University Press, 1969. Disponível em: <http://archive.org/details/donatzproensalso0000ucfa>. Acesso em: 13 out. 2024.



MCLAUGHLIN, M. Alberti e le opere retoriche di Cicerone. In: CARDINI, R.; REGOLIOSI, M. (Orgs.). *Alberti e la tradizione*. Per lo «smontaggio» dei «mosaici» albertiani. Florença: Polistampa, 2009. t. 1. p.181-210.

MCLAUGHLIN, M. Leon Battista Alberti and the Redirection of Renaissance Humanism. In: JOHNSTON, R. (Org.). *Proceedings of the British Academy: 2009 Lectures*. Londres: The British Academy, 2011. v. 167. p. 24-59.

MENDES, E. A. M. Sobre o *decorum*: dos clássicos à pós-modernidade. *Quaestio Iuris*. v. 9, n. 3, Rio de Janeiro, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/rqi.2016.20248>.

NAGEL, A. Rhetoric, Value, and Action in Albert Alberti. *MLN*, v. 95, n. 1, p. 39-65, 1980. DOI: <https://doi.org/10.2307/2906414>.

OLIVEIRA, R. B. *A cidade e o pensamento político de Leon Battista Alberti no De Re Aedificatoria e outros escritos*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11989>. Acesso em: 7 jul. 2025.

SÊNECA, L. A. *Ad Lucilium Epistulae Morales, volume II*: Epistles 66-92. Tradução de Richard M. Gummere. Cambridge: Harvard University Press, 1920. (Loeb Classical Library 76).

TÁCITO. Diálogo dos oradores. In: CHABU, V. *Diálogo dos oradores: a retórica da decadência*. 2022. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.